

## A construção da realidade subjetiva no romance *Como água para chocolate* de Laura Esquivel

Pollyana dos Santos Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo analisarei o romance de Laura Esquivel *Como água para chocolate* procurando demonstrar a construção da realidade subjetiva nas personagens do livro, bem como o reforço dessa realidade exercido por meio de instituições e outros instrumentos de controle. Tomo, para isso, como embasamento teórico a pesquisa de Berger e Luckmann (1985) sobre a Construção social da realidade.

**Palavras chave:** Realidade subjetiva, verdade, instituições, sociedade, controle, poder.

**Abstract:** This paper has as its main objective to perform an analysis of the construction of subjective reality in the characters of the novel *Como água para chocolate* by Laura Esquivel and the control exercised by the fact various social institutions.

**Keywords:** Subjective reality, truth, social institutions, power, tradition.

### 1-Introdução:

O romance *Como água para chocolate* de Laura Esquivel foi publicado em 1989. Conta a história do amor de Tita e Pedro que são impedidos de se casar por causa da tradição da família De La Garza que determinava ser a filha mais nova (Tita) a responsável por cuidar da mãe em sua velhice. A narrativa se passa, quase toda, no rancho da família De La Garza e tem como pano de fundo a Revolução Mexicana que ocorreu no início do séc. XX. A atmosfera do romance é permeada por elementos da cultura mexicana, marcada principalmente pelas comidas preparadas por Tita. A protagonista do romance possui uma relação muito próxima com a cozinha da casa, esse espaço aparece para ela como ambiente acolhedor onde reflete, chora e toma suas decisões. É na cozinha, inclusive, que se dá o nascimento de Tita:

E sem que minha bisavó pudesse sequer dizer um pio, Tita despencou nesse mundo prematuramente, sobre a mesa da cozinha entre os aromas de uma sopa de massinha que estava cozinhando... Este inusitado nascimento determinou o fato de que Tita sentisse um imenso amor pela cozinha e que a maior parte de sua vida fosse passada nela, praticamente desde que nasceu... (ESQUIVEL, 1995, p.p. 3/4)

---

<sup>1</sup>Graduada em Licenciatura e Bacharelado em Letras (UnB), Especialista em Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (UnB), Mestranda em Literatura (UnB). Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

A narradora da história é sobrinha neta de Tita. Cada capítulo inicia com uma receita diferente que marca o tempo da narrativa, pois se relaciona com os meses do ano. A relação com a comida explica o título do livro que se refere a uma expressão regionalista mexicana cujo significado é ‘estar em ponto de ebulição, fervendo’. Tal expressão surgiu como uma metáfora com o ponto em que a água deve ficar no preparo do chocolate:

O método para se evitar todas as falhas anteriores é muito simples: põe-se no fogo um tablete de chocolate com água. A quantidade deve ser um pouco maior do que a necessária para encher a vasilha em que se há de ferver. Quando dá a primeira fervura, tira-se do fogo e se desmancha o tablete completamente, bate-se com o molinillo até que seja bem incorporado com a água. (ESQUIVEL, 1995, p.p. 146/147)

Fosse pelo que fosse, a ira dominava os pensamentos e as atitudes de todos na casa. Tita estava literalmente “como água para chocolate”. Sentia-se o mais irritável possível. Até o arrulho tão querido dos pombos, que já se haviam reinstalado no teto da casa e que no dia de seu regresso lhe haviam proporcionado tanto prazer, neste momento a incomodava. (ESQUIVEL, 1995, p. 124)

## **2-A realidade como construção social:**

Para principiar a discussão deste tópico, acredito que seja importante definir o conceito de realidade. Durkheim caracteriza os fatos sociais como “maneiras de agir, de pensar e de sentir exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder de coerção em virtude do qual se lhe impõem” (1960: 3) diferenciando-os, portanto, dos fatos relativos ao desenvolvimento biológico ou psíquico do ser humano, por exemplo. No mesmo parágrafo, o autor afirma que “a palavra social não tem sentido definido senão sob a condição de designar unicamente fenômenos que não se englobam em nenhuma das categorias de fatos já existentes”, ou seja, os fatos sociais são criados pelo homem. Avançando nos estudos, Berger e Luckmann (1985) partem do princípio de que a realidade como percebida na vida cotidiana é construída pela sociedade, não obstante, tal realidade é considerada pelos indivíduos como uma entidade independente de sua vontade ou ação. Desta forma, a vida cotidiana é interpretada pelos indivíduos de uma sociedade como uma realidade dotada de sentido, na medida em que forma um mundo coerente, sendo admitida por eles como a verdade absoluta.

Foucault (1979) afirma ser a verdade social um erro que “tem a seu favor o fato de não poder ser refutada” (p.19). No romance, Gertrudes, irmã de Tita, reconhece a verdade social como uma criação humana: “A verdade, a verdade! Por exemplo, em teu caso a verdade poderia ser que Rosaura se casou com Pedro, sem importar-lhe a mínima que vocês verdadeiramente se gostassem” (p. 155)

Berger e Luckmann lembram que a realidade social, depois de construída, passa pelo processo de reificação, quando o indivíduo deixa de percebê-la como criação sua e a considera pertencente ao campo da natureza. A realidade é, portanto, um conhecimento social produzido pelo homem tal qual todo conhecimento e pode mudar de acordo com o grupo social. Desta forma, o indivíduo está carregado dos conceitos da

sociedade em que está inserido e utiliza-se deles em sua formação individual e na construção de sua realidade cotidiana. Ainda que o sujeito se perceba vivendo em uma realidade inventada, muitas vezes não consegue se libertar das imposições que ela determina.

No entanto, Tita não estava conformada. Uma grande quantidade de dúvidas e inquietudes acudiam a sua mente. Por exemplo, gostaria muito de saber quem tinha iniciado essa tradição familiar... E mais ainda, queria saber, quais foram as investigações levadas a cabo para concluir que a filha mais nova era a mais indicada para velar por sua mãe e não a mais velha? Alguma vez se havia levado em conta a opinião das filhas afetadas? (ESQUIVEL, 1995, p.p. 8/9)

Esse trecho do romance evidencia o fato de que é alguém, ou algum grupo, o responsável por determinar o que fará parte da realidade de uma determinada sociedade e dos indivíduos que a compõem. No caso de Tita, esse grupo era a família De La Garza.

### **3- A instituição família como reguladora social das personagens de *Como água para chocolate*:**

É fato que a realidade é construída socialmente, no entanto, é importante investigar como se dá essa construção. Berguer e Luckmann desenvolvem o conceito de objetivação para explicar esse fato. Simplificando a ideia, o termo se refere ao fenômeno que ocorre quando a realidade é aceita porque aparece aos indivíduos como *a priori*, tendo vida própria e independente da atuação humana. As gerações que se seguem à criação de determinada realidade, que, portanto já estava presente quando do nascimento desses indivíduos, consideram-na absoluta e a interiorizam. As experiências lembradas por um grupo são facilmente transmitidas às gerações futuras, dando origem às tradições, uma das formas utilizadas para fazer com que a realidade socialmente construída perpetue por um longo espaço de tempo. O termo tradição vem do latim *traditio* do verbo *tradere* que significa ‘dar, trazer, transmitir, entregar nas mãos de outro’. Dessa forma a família De La Garza traz do passado e entrega aos seus membros no presente o costume que Tita e todas as filhas caçulas deveriam adotar.

Enquanto produto social, a realidade conta com mecanismos de controle da conduta humana: as instituições sociais. Segundo Berger e Luckmann, elas surgem da tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores. “A lógica não reside nas instituições e em suas funções externas, mas na maneira em que essas são tratadas na reflexão que delas se ocupa.” (p. 91), ou seja, as instituições estabelecem padrões de conduta que se espera de determinados atores. Esperava-se dentro da família De La Garza, por exemplo, que Tita e as demais filhas caçulas se dedicassem exclusivamente ao cuidado com suas mães. Mais que isso, esperava-se que as filhas obedecessem aos pais em qualquer situação: “Na família De La Garza podiam perdoar tudo, porém nunca a desobediência nem o questionamento da atitude dos pais.” (p. 103)

As instituições são consideradas como dotadas de uma força própria, tendo um poder coercitivo sobre os indivíduos que, embora possam até não compreender sua atuação, as aceitam como realidade absoluta. Desse modo, as instituições legitimam e

reforçam a realidade cotidiana. A protagonista do romance, embora questionasse interiormente a tradição a que estava presa, não teve forças, a princípio, para lutar contra a instância legitimadora da família.

Como instituição controladora a família de Tita detinha o poder de reprimir tanto os seus membros quanto aqueles que fossem mais próximos a ela. Segundo Foucault, existe um sistema de poder presente não somente nas instâncias superiores de censura, mas em toda a trama da sociedade (1979: 71). No romance, a força coerciva da instituição sobre as personagens é representada pela figura da matriarca: “Mamãe Elena lançou-lhe um olhar que para Tita encerrava todos os anos de repressão que haviam flutuado sobre a família...” (p. 8), “Pedro percebeu sua ousadia tarde demais. Mas Mamãe Elena, lançando-lhe o olhar correspondente, fez-lhe saber que ainda podia reparar o dano causado.” (p. 38) “Nancha foi tomada de repente por uma grande nostalgia... Com os seus 85 anos não valia a pena chorar nem lamentar-se de que nunca tivessem chegado nem o esperado banquete nem o esperado casamento, apesar de que o noivo, sim, este havia chegado... Só que a mãe de Mamãe Elena se encarregou de afugentá-lo.” (p. 29) Nem mesmo os guerrilheiros escapam da força repressora representada por Mamãe Helena:

Realmente era difícil sustentar o olhar de Mamãe Helena, até para um capitão. Tinha algo que atemorizava. O efeito que provocava naqueles que o recebiam era de um temor indescritível: sentiam-se julgados e sentenciados por faltas cometidas. As pessoas eram tomadas por um medo pueril da autoridade materna. (ESQUIVEL, 1995, p. 74)

Mamãe Elena representa o poder socialmente constituído e instituído. Note-se que nas passagens acima, a personagem não se utiliza da força física para infligir medo às pessoas, basta o olhar da matriarca para coagir, subjugar e deter.

Sobre os mecanismos utilizados para o exercício do poder, Foucault afirma que a vigilância possui maior efeito que a punição em si, citando o *Panopticon*<sup>2</sup> como estratégia eficaz para manter o controle sobre um grande número de pessoas, ao mesmo tempo. O *Panopticon* é um modelo de prisão com celas dispostas de forma circular, de maneira que um guarda posicionado na torre central tenha a visão de todas as celas, sem ser visto pelos presos, embora esses saibam que estão sendo vigiados durante todo o tempo. A vigilância produz um efeito tão forte que o indivíduo passa a se autovigiar constantemente:

Apenas um olhar. Um olhar que vigia e que cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá esta vigilância sobre e contra si mesmo. (FOUCAULT, 1979, p. 218)

O olhar de Mamãe Elena funciona como o instrumento que vigia e ao mesmo tempo pune as demais personagens. A força dessa vigilância permanece mesmo depois de sua morte, pois Tita ainda sente sobre si seu olhar de censura:

---

<sup>2</sup> Sobre o Panopticon ver FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*, 1987

Se a pobre Mamãe Elena soubesse que mesmo depois de morta sua presença continuava causando temor e que esse medo de encontrar-se com ela proporcionava a oportunidade ideal para profanar impunemente seu lugar preferido... (ESQUIVEL, 1995, p.132)

#### **4- A realidade subjetiva e os papéis sociais:**

A partir do momento em que o indivíduo considera a realidade da vida cotidiana como dotada de sentido por si mesma (objetivação) ele passa a assumir os papéis e atitudes que lhe são atribuídos por essa realidade. Desde que nasce, recebe a “atribuição de um lugar específico no mundo” que será seu passaporte para inserção na sociedade em que vive (BERGUER e LUCKMANN, 1985, p. 178). Assim Tita aceita seu destino sem protestar contra a mãe e a tradição imposta e no dia do casamento de Rosaura com Pedro: “Como uma grande atriz, representou seu papel dignamente, tentando ter a mente ocupada...” (p. 30).

Para entender melhor a questão dos papéis sociais, lembremos que o indivíduo já nasce dentro de uma estrutura social objetiva na qual encontra significados impostos e pré definidos. Encontra pré determinado, inclusive, o espaço que ocupará dentro dessa realidade. A aceitação de tais funções e papéis por parte do indivíduo ocorre ainda na infância, dentro do ambiente familiar (ao que Berguer e Luckmann nomeiam socialização primária). No romance, a protagonista parece interiorizar a realidade, desde muito cedo: “Tita nasceu chorando de antemão, talvez porque ela sabia que seu oráculo determinava que nesta vida lhe estava negado o casamento” (p. 4) tomando-a como indiscutível e inalterável. Ocorre com Tita, o processo que Berguer e Luckmann chamam de correspondência entre realidade objetiva e realidade subjetiva, quando o que é real fora do indivíduo se torna também real dentro dele. Os autores lembram ainda que realidade objetiva e subjetiva são formadas concomitantemente.

O ponto de partida do processo de subjetivação da realidade é a interiorização, momento no qual o indivíduo apreende ou interpreta um acontecimento objetivo como dotado de sentido. A interiorização é imprescindível para que o sujeito se torne membro de uma sociedade. Vale lembrar que a socialização primária geralmente é a que possui maior valor, ou força na formação do indivíduo. A protagonista do romance, tendo-a experimentado no seio da família De La Garza, não consegue negar os valores e padrões aí apreendidos, o que talvez explique o motivo pelo qual Tita, na primeira parte do romance, obedecia a sua mãe cegamente, abrindo mão, inclusive, do amor de Pedro: “Maldita decência! Maldito manual de boas maneiras! Por culpa deles seu corpo ficava destinado a murchar pouco a pouco, sem remédio algum.” (p. 47)

A significação pré definida pela socialização primária não deixa ao indivíduo outra alternativa se não aceitá-la. Isso porque a realidade, que se torna um conhecimento socialmente instituído, é tida, conforme já foi falado, como verdade universal e imutável e qualquer desvio da ordem institucional gerada por essa realidade é designado como insanidade ou ignorância, causando ao transgressor da ordem o isolamento ou exclusão da sociedade. Para romper com a realidade imposta o indivíduo necessita de uma força maior que a exercida pelas instituições sociais. É o que ocorre com Tita, que em um

momento de terrível sofrimento por causa da perda de seu sobrinho, tem pela primeira vez a coragem de enfrentar Mamãe Helena:

Tita sentiu uma violenta agitação se apossando de seu ser: enfrentou firmemente o olhar da mãe... – Olhe o que eu faço com suas ordens! Já me cansei! Cansei de lhe obedecer! Mamãe Elena aproximou-se, pegou uma colher de madeira e bateu-lhe na cara com ela. – A senhora é culpada da morte de Roberto! – gritou Tita fora de si e saiu correndo, secando o sangue que lhe escorria do nariz. Pegou o pombo, a caixa de minhocas e subiu para o pombal. (p. 82).

Tita finalmente encontra forças para encarar o olhar da mãe, o que se configura no passo inicial para a conquista de sua liberdade. Depois, sobe ao pombal, ato que pode simbolizar a guinada na trajetória da personagem. De fato, depois do episódio, a vida de Tita sofre uma reviravolta. Após o enfrentamento, a protagonista tem um surto, passando vários dias sem se comunicar com ninguém. Durante esse período, reflete sobre sua vida e decide que não quer mais viver ao lado de Mamãe Helena e que não irá mais obedecê-la.

A mudança no comportamento de Tita foi causada por diversos fatores: a perda do sobrinho, o esgotamento mental e a influência de John, o médico que a acolhe em sua casa e que se apaixona pela moça. A personagem de John apresenta uma visão de mundo diferente da de Tita e de toda a sociedade em que a mesma estava inserida, já que é estrangeiro, portanto participante de outra realidade social. Berguer e Luckmann (p. 38) afirmam que o mundo possui diferentes realidades, que variam de uma sociedade para outra. Assim, para John a tradição a que Tita estava presa não possuía o peso que tinha para Pedro: “- Não, não é isso. Acontece que não posso casar nem ter filhos porque tenho de cuidar de minha mãe até ela morrer. – Mas como! Isto é uma loucura.” Enquanto Pedro e Tita aceitaram a imposição de Mamãe Helena, John assume uma atitude diferente: “John guardou silêncio. Não lhe convinha irritar mais Mamãe Helena. Nem vinha ao caso, uma vez que estava plenamente convencido de que se casaria com Tita com ou sem a autorização dela.” (p. 109)

A libertação final de Tita com relação à Mamãe Helena e ao que ela representa, ocorre quando a protagonista volta para casa a fim de cuidar da mãe que havia ficado paraplégica e dessa vez, Tita confronta a mãe fazendo com que ela desvie seu olhar: “A mãe a recebeu em silêncio. E pela primeira vez Tita sustentou-lhe firmemente o olhar e Mamãe Elena retirou o seu” (p. 107). Tita agora não recebe pacivamente o olhar repressor, mas também lança um olhar punitivo para a mãe o que marca definitivamente o fim de sua sujeição à matriarca: “Sem palavras se fizeram mútuas reprovações e com isso se rompeu entre elas o até então forte laço de sangue e obediência que as unia e que nunca mais iria se restabelecer”

Embora decidida a não obedecer mais a mãe e nem seguir a tradição da família, Tita não consegue mudar sua realidade totalmente. Na verdade se submete a ser amante de Pedro pelo resto da vida. No entanto, o faz já não por medo, mas para tentar proteger sua sobrinha, filha única de Pedro e Rosaura e, portanto herdeira da tradição da família. Tita alcança seu triunfo quando vê, finalmente, a sobrinha se casar com o filho de John, tornando-se livre da obrigação imposta pela família.

## **5- Considerações Finais:**

A personagem Tita marca um período de transição em que a realidade e tradições vigentes passam por uma desconstrução, dando lugar a uma nova realidade, que também será construída socialmente. Nesse processo a ação de Tita foi imprescindível, pois sua atitude de questionar as imposições e rejeitá-las, abre precedente para que as mulheres das gerações futuras neguem-se a seguir as tradições da família. De fato, na narrativa, a protagonista foi a última a sofrer a sanção imposta pela tradição familiar. Embora não tendo gozado plenamente da liberdade que conseguiu conquistar, Tita deixa um presente à sua sobrinha Esperanza, à filha desta e a todas as filhas mais novas das gerações futuras da família De La Garza. É em agradecimento a esse presente que a narradora conta a história de sua tia avó.

## **6- Bibliografia:**

**BERGER**, Peter e **LUCKMANN**, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.

**DURKHEIM**, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

**ESQUIVEL**, Laura. *Como água para chocolate*. Record, 1995.

**FOUCAULT**, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

**FOUCAULT**, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.